iM
Comunicar intermuseus
Divulgação dos museus açorianos

Março
2005
nº 003

Presidência do Governo Regional dos Açores
DIRECÇÃO REGIONAL DA CULTURA

Editorial

Conservação, Restauro e Prevenção

Além de mais um museu convidado, o tema em destaque nesta terceira edição da IM, e primeira do ano 2005, é a conservação.

Proteger e acautelar, funções caras aos profissionais dos museus, revestem-se de especial importância pelo seu carácter preventivo, condicionador e promotor de atitudes e comportamentos fundamentais para a preservação dos patrimónios à nossa guarda e que moldam, obviamente, o dia a dia dos museus.

Em colaboração com o CECRA (Centro de Estudo, Conservação e Restauro dos Açores) divulgamos nesta edição textos nesta área, procurando torná-los acessíveis a todos os profissionais.

Bom Ano e Boas práticas.

Maria Manuel Velasquez

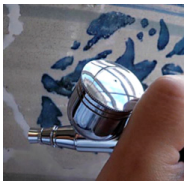
Editor:	Presidência do Governo Regional doa Açores Direcção Regional da Cultura
Coordenação Geral:	Maria Manuel Velasquez
Coordenação editorial:	João Paulo Constância Rosa Veloso
Design:	Carlos Sousa
Paginação:	Rui Marques
Colaboradores:	Francisco Lima Helena Ormonde Heliodoro Silva Maduro Dias Olívio Rocha Paula Romão Paulo Borges

Destaques

Pag. 02

Conservação Preventiva, Conservação Curativa, Restauro

Paula Romão



Pag. 03

Térmitas (Isoptera) nas habitações de Angra do Heroísmo

Paulo A. V. Borges

Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Museu de Angra do Heroísmo

Maduro Dias, Director

A situação e a história geográfica, biofísica e humana das ilhas dos Açores é peculiar e rica.

Guardam testemunhos do Terciário, estão na fronteira de vários sistemas naturais, serviram, desde o início da sua história em contexto humano, como recurso estratégico, quer do poder português, quer das potências que dominaram, a cada tempo, o mar Atlântico e tiveram interesses nas suas margens.

As limitações e dificuldades próprias de uma região insular fizeram-na isolada umas vezes, forçadamente contextualizada em movimentos globais, outras; moldando a identidade, gerando particularidades locais, criando horizontes largos e dependências longínquas.

A tudo isto pode e deve acrescentar-se o papel especial que tiveram e têm Angra do Heroísmo (Património Mundial desde 1983) e a Terceira, sobretudo no plano estratégico, económico e político, onde o Museu tem a sua sede.

Porque tudo isto é assim o Museu de Angra do Heroísmo é um museu interdisciplinar e de síntese, na linha procurada pelos museus de civilização.

Como "casa das musas" é um lugar de informação e de formação, de memória e de inspiração. Um espaço de encontro das memórias colectivas; centro de recolha, estudo, tratamento, conservação e divulgação (expositiva ou outra); onde as pessoas podem aprender, recrear-se, recordar e usufruir, mas também questionar, confrontar, e inquirir os caminhos do futuro e da novidade.

É um museu geo-referenciado, onde os planos local, regional, nacional e planetário se cruzam e completam, para serviço e benefício de habitantes e visitantes, curiosos e estudiosos.

O Museu de Angra do Heroísmo assume-se, de modo inequívoco, como instrumento de educação permanente e não formal e como elemento colaborador activo do sistema formal.

Conservação museológica

Conservação Preventiva, Conservação Curativa, Restauro

Paula Romão, Directora do CECRA

O 3º Colóquio da Associação dos Restauradores de Arte com Formação Universitária (A.R.A.A.F.U.), subordinado ao tema "Conservação e Restauro dos Bens Culturais – A Conservação Preventiva" e realizado em Paris em 1992, constituiu um importante marco para a definição, clarificação e sistematização dos conceitos directa ou indirectamente relacionados com a disciplina de Conservação.

Foi nessa altura que Gaël de Guichen[1] apresentou uma classificação (que continua válida) para a intervenção nos bens culturais em três categorias: a conservação preventiva, a conservação curativa, o restauro.

De acordo com este autor, a Conservação Preventiva compreende todas as acções sobre as causas de deterioração dos materiais.

Nesta perspectiva, é Conservação Preventiva: proporcionar aos objectos um ambiente estável (com níveis de iluminação muito baixos[2], humidade relativa e temperatura sem variações bruscas, poluição controlada), assegurar a adequada limpeza de todos os espaços de exposição e armazenamento, dispor de materiais e equipamentos adequados para o acondicionamento[3], estudar, conceber e acompanhar a embalagem e o transporte de peças para outros locais, realizar inspecções periódicas às colecções e às instalações, verificar as condições de segurança do edifício.

Já para a Conservação Curativa contribuem todas as acções sobre os efeitos da deterioração dos materiais, como sejam, por exemplo, a limpeza, a consolidação, a fixação, a dessalinização, a desinfecção, a desinfestação, a substituição ou reforço de suportes.

A diferença fundamental entre os dois conceitos reside no tipo de intervenção sobre a obra: no primeiro, é indirecta; no segundo, se bem que deva ser mínima, é directa e implica reacções químicas dos materiais constituintes com os produtos utilizados, introdução de materiais novos, exposição a níveis de iluminação elevados (nas fases de diagnóstico, registo e tratamento).

Estado de conservação à chegada ao CECRA
Fotografia: António Pacheco /CECRA

Fotografia da frente após a intervenção de conservação e de restauro.
Fotografia: António Pacheco /CECRA

Os limites entre Conservação Preventiva e Conservação Curativa nem sempre são tão definidos, chegando mesmo a misturar-se. Substituir um suporte de aglomerado de madeira por um cartão neutro ou aplicar um insecticida numa madeira aparentemente não infestada por insectos xilófagos, são acções directas, mas também previnem, respectivamente, a acidificação dos materiais colocados sobre aquele suporte e a infestação a médio prazo, contribuindo, portanto, para o prolongamento da esperança de vida do bem cultural.

Algumas vezes também a fronteira entre Conservação Curativa e Restauro não é clara. De acordo com a classificação acima referida, o Restauro é entendido como uma intervenção directa e facultativa, realizada com a finalidade de facilitar ou tornar possível a leitura de um objecto. Contudo, operações como o preenchimento de lacunas ou a colagem de fragmentos podem integrar-se no primeiro conceito

Restauro: Reintegração cromática a aerógrafo
Fotografia: António Pacheco /CECRA

quando são indispensáveis para a estabilização físico-química da obra, mas constituem opção de Restauro em situações em que se pretende restabelecer a forma e a aparência.

Significa tudo isto que a Conservação dos Bens Culturais tem de ser guiada pelo princípio da prevenção, dando razão e fundamento ao ditado popular: vale mais proporcionar as adequadas condições de ambiente e prevenir a deterioração dos materiais, do que ter de remediar os efeitos da deterioração.

Neste contexto, há que ter presentes, em todos os momentos, as acções defendidas por Adília Alarcão[4], para a sobrevivência e gestão dos bens culturais:

- Preservar é um dever ineludível e permanente
- Conservar é uma necessidade mais ou menos urgente
- Restaurar é uma opção que pode sempre aguardar.

E, como afirma Stefan Michalski, «Todos fazemos preservação. Desde os que limpam as instalações aos directores. Dos conservadores ao público. Dos conservadores-restauradores aos políticos. Dos investigadores às crianças»[5].

* Centro de Estudo, Conservação e Restauro dos Açores. Rua de Jesus, nº119. 9700-160 Angra do Heroísmo. Telefone: 295216118. Fax: 295216119.

1 *Cit* em D. Guillemard, *Éditorial,* Actas do 3º Colóquio da A.R.A.A.F.U. – "Conservation Restauration des Biens Culturels: La Conservation Preventive", Paris, 8-10 de Outubro de 1992, pp. 13-18.

2 Tendo sempre em conta que os efeitos resultantes da acção da luz são irreversíveis e cumulativos, e que, por essa razão, as normas internacionais, que impõem valores limite para a iluminação e para o tempo total de exposição admissível, são imperativas. Para informações sobre estes valores, consultar: L.E. Casanovas, P. Romão, *Conservação Preventiva em Museus, Bibliotecas e Arquivos: uma proposta de legislação para os Açores;* Conservação e Restauro - Cadernos do Instituto Português de Conservação e Restauro, 1, Junho de 2001, pp. 10-25

3 L. Casanovas, *Bibliotecas e Arquivos: a Conservação Preventiva como Atitude e como Prática*, Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação, 2, 1991, pp. 43-56.

4 A. Alarcão, *Conservação e Restauro,* "Conservação do Património Cultural", Roteiro de Empresas, Instituto de Emprego e Formação Profissional, Lisboa, 1991, pp. 9-13.

5 S. Michalski, *Canadian Conservation Institute – Preservation of collections,* Actas do 1º Encontro Científico do Instituto Português de Conservação e Restauro – "A Conservação Preventiva e as Exposições Temporárias", Lisboa, 6-8 de Junho de 2001, ed. Instituto Português de Conservação e Restauro, Lisboa, 2003, pp. 41-47.

Conservação preventiva

Térmitas (Isoptera) nas habitações de Angra do Heroísmo

Paulo A. V. Borges, Universidade dos Açores, Departamento Ciências Agrárias e Ambiente

As Térmitas são um grupo de insectos da Ordem Isoptera, aparentados com as Baratas e os Louva-a-Deus. Os primeiros fósseis de térmitas conhecidos remontam ao Mesozoico mas admite-se que elas já estivessem presentes na Terra, desde o fim do Paleozoico, há cerca de 220 milhões de anos. Só para se ter uma ideia da escala temporal, a ilha mais antiga dos Açores possui cerca de 8 milhões de anos (S. Maria) e a espécie humana tem cerca de 1 milhão de anos.

Existem três tipos de espécies de Térmitas: subterrâneas; de madeira verde e de madeira seca. Das cerca de 3000 espécies conhecidas no planeta, só algumas são nefastas para o Homem. De facto, a maior parte das espécies são até benéficas contribuindo para a reciclagem das árvores mortas, oxigenação dos solos e processos de decomposição da celulose. Algumas espécies são arborícolas construindo a termiteira na copa das árvores, outras vivem no solo, sendo bem conhecidas as termiteiras gigantes em África e na América do Sul.

No entanto, algumas espécies causam elevados prejuízos nas habitações humanas, atacando móveis e esculturas mas também partes estruturais como soalhos e tectos. Em alguns países como os Estados Unidos da América, Canadá, Brasil, Austrália e África do Sul existe mesmo uma tradição de lidar com as espécies mais nocivas, investindo-se muito dinheiro e esforço na sua monitorização, prevenção e no seu combate.

Tratando-se de insectos sociais possuem um ciclo de vida complexo e com várias castas como é o caso de *Cryptotermes brevis*, espécie de madeira seca (ver Figura 1). Nesta espécie normalmente uma fêmea e um macho colonizam uma estrutura colocando ovos dos quais nascem ninfas totipotentes, ou seja, que possuem a capacidade de se tornarem qualquer uma das castas (obreiras ou segregadas, soldados, reprodutoras). Numa fase intermédia do desenvolvimento formam-se as segregadas e os soldados. As segregadas são caracterizadas por executarem todas as funções de rotina, tais como obtenção de alimento, alimentação de indivíduos de outras castas, inclusive o rei (pai) e a rainha (mãe), eliminação de indivíduos doentes ou mortos, cuidados com os ovos. As segregadas são mantidas como escravas porque a mãe (rainha) as impede de se desenvolverem para reproductoras ao dar-lhes dentadas nas zonas de formação das asas. As segregadas digerem a celulose com a ajuda de protozoários simbiontes e regurgitam a celulose já pré-digerida para que as outras castas se alimentem.

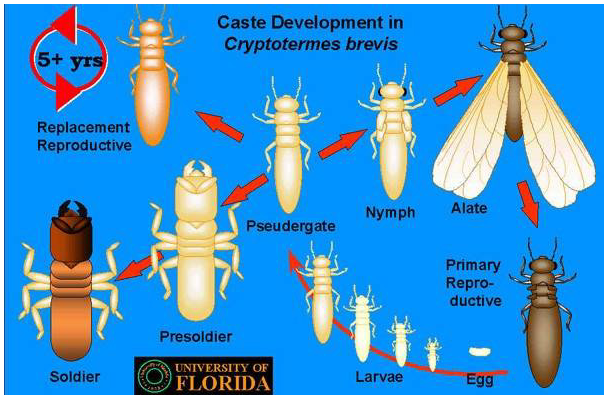
A casta dos soldados, por sua vez, tem a função da guarda do ninho e protecção das segregadas durante a busca de alimentos. Todas as obreiras e soldados são cegos comunicando através de compostos químicos. Em determinadas alturas no Verão formam-se reprodutores que têm a função de procurar outros locais para fundar novas colónias. Em algumas situações como a morte da rainha podem mesmo formar-se reprodutores secundários a partir de obreiras. Os reprodutores primários são formas aladas diferenciando-se facilmente das formigas (Insecta, Hymenoptera) por possuírem asas anteriores e posteriores do mesmo tamanho e corpo rectangular sem qualquer constrição entre o tórax e abdómen.

Neste momento está confirmada a presença da espécie *Cryptotermes brevis* (Walker, 1953) (Kalotermitidae) (cerca de 6-8 mm de comprimento) (Figura 2) em várias habitações de Angra do Heroísmo. Trata-se de uma espécie de madeira seca com origem tropical e que se tem espalhado por todo o mundo através de navios e madeiras importadas. Uma colónia é formada por

Figura 2
Segregada, soldado (exemplar com a cabeça mais escura e esclerotizada) e dejectos de *Cryptotermes brevis* (Walker, 1953)

cerca de 300 indivíduos (embora possam chegar a 3000 por colónia), podendo ocorrer numa determinada área várias colónias cada uma com a sua rainha. Como se alimentam de madeira seca todas as madeiras antigas e não tratadas, são um alvo potencial de ataque e posterior destruição. Inicialmente as Térmitas não são observáveis porque fecham os orifícios externos das galerias, sendo a sua presença apenas notada quando as fezes de cor preta são expulsas e se aglomeram nos soalhos (Figura 2). Nesta altura as colónias já provocaram extensos danos. Deste modo o seu combate não é uma tarefa simples.

É fundamental que se detectem os problemas cedo, aquando da libertação das asas, ou quando aparecem os primeiros dejectos, para se evitarem Fumigações ou até a total remoção das madeiras, a única solução nos casos de infestação generalizada.



Figrura 1
Ciclo de vida de *Cryptotermes brevis* (Walker, 1953) (Térmita das Índias Orientais)

Cryptotermes brevis é considerada como a espécie de térmita de madeira seca mais perigosa que se conhece e que atingiu já o estatuto de praga urbana em Angra do Heroísmo. A sua ocorrência em Ponta Delgada, na Horta e na freguesia dos Biscoitos (Concelho da Praia da Vitória) está também confirmada. Cerca de 43% das habitações do centro histórico de Angra do Heroísmo estão afectadas e destas praticamente 50% possuem infestação severa (nível D) ou destruição (nível E) de várias estruturas importantes para a segurança das habitações. As madeiras onde se detectaram maior infestação foram o Eucalipto e a Criptoméria, mas muitas outras também estão atacadas. Algumas habitações com Pinho Resinoso e localizadas em zonas criticas não estão infestadas. As partes das habitações mais afectadas são as dos andares superiores, principalmente coberturas. Infelizmente das duas técnicas conhecidas mais eficazes para resolver os problemas mais graves (fumigação e temperaturas elevadas), apenas a utilização de termoacumuladores parece ser viável em Angra do Heroísmo. Estamos perante uma situação de gestão de uma pragra urbana que se irá prolongar durante muitos anos.

Figura 3
Estragos provocados por de *Cryptotermes brevis (Walker, 1953)*
(Térmitas das Índias Orientais) numa habitação de Angra do Heroísmo

Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Museu de Angra do Heroísmo

A exposição "Sala Família Frederico Vasconcelos"

Heliodoro Silva, Assessor

Em Dezembro de 2003 inaugurou no Museu de Angra do Heroísmo mais um espaço de exposição permanente, a "Sala Família Frederico Vasconcelos", ocupando o salão principal da antiga fábrica de tabaco "Âncora". Essa iniciativa resultou de um extenso legado aceite pelo Museu em 1996 e que tinha como condição expressa a criação deste espaço com esta designação. Foi concebida e coordenada por Olívia Marcus, uma jovem licenciada francesa que cumpria um estágio no MAH e por Heliodoro Silva, técnico superior dos quadros da instituição.

Esta exposição tem o seu ponto de partida na história da família Frederico Vasconcelos, uma família de comerciantes e industriais oriunda do Continente Português, que se estabelece na ilha Terceira em finais do século XVIII. Aborda em seguida o espólio do seu último representante, o Dr. Frederico João, que faleceu em 1995 em Lisboa sem deixar descendência e que legou ao MAH em testamento o recheio do seu apartamento da Avenida da República em Lisboa, que esta instituição considerasse ser de interesse museológico. Finalmente, debruça-se sobre o espólio da empresa Frederico A. Vasconcelos que, ao longo de mais de 200 anos, com sede em Angra do Heroísmo, desenvolveu uma intensa e profícua actividade de investimento e labor empresarial em áreas importantes para o desenvolvimento económico local e regional, com alguns traços inovadores.

Esta exposição está dividida em três secções: a 1.ª secção designa-se por "A Família Frederico Vasconcelos" e consiste numa série de painéis onde estão reunidas cópias de elementos documentais, incluindo diversas fotografias, sobre a linha varonil da família, desde José Luís de Vasconcelos até ao Dr. Frederico João, incluindo um painel sobre a sua mãe, Emília Adelaide de Freitas e Vasconcelos. É neste espaço que ficamos a conhecer toda a família e temos um retrato bastante completo do Dr. Frederico João, o último de uma série de quatro gerações de Fredericos; diplomata e político, celibatário por opção, foi um menino nascido em berço de ouro duma família rica das ilhas, o que verdadeiramente se chamava *herdeiro da casa de seus pais*. Nascido em Lisboa, licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Foi alferes miliciano de cavalaria, ingressando depois no quadro diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Colocado nos EUA, foi secretário de legação e conselheiro da Embaixada de Portugal em Washington DC. Ao falecer, em Lisboa, era Ministro Plenipotenciário dos Negócios Estrangeiros.

2.ª Secção: O mundo do Dr. Frederico João

A 2.ª secção intitula-se " O Mundo do Dr. Frederico João " e constitui uma discreta incursão na sua vida privada, reconstituindo parcialmente o ambiente em que se movimentava na intimidade da sua casa. Nos EUA adquiriu grande parte daquilo que constituía em termos artísticos o recheio do seu apartamento em Lisboa, adquirindo peças de arte valiosas, móveis e quadros nos antiquários, sobretudo nova-iorquinos. Era um apreciador de boa musica, preferindo sobretudo o jazz, não desdenhando contudo dos clássicos. Possuía enorme colecção de discos e Cd's e gravava constantemente, mantendo-se a par das novidades. Entregava-se também à leitura e possuía um bom conjunto de obras literárias em português, francês e inglês. Uma particularidade muito interessante era a sua faceta de coleccionador, sobretudo de miniaturas de automóveis e de veículos do mundo dos comboios que comprava constantemente em todo o lado, possuindo mesmo no seu apartamento de Lisboa uma instalação completa de um terminal ferroviário electrificado, em dois pisos.

A 3.ª secção tem a designação de "A Empresa Frederico Vasconcelos & Herd. Lda" e é basicamente constituída por espólio gentilmente legado pela actual firma "Frederico A. Vasconcelos " que vem trazer um contributo documental importante para o estudo e a compreensão da dinâmica empresarial na ilha Terceira e na Região no último quartel do século XX.

Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Exposições temporárias programadas pelo MAH para 2005

Inaugurada no passado dia 3 de Fevereiro, a exposição de escultura *Enfim sós*, de Sofia Medeiros vai estar aberta ao público até final do mês de Março, na Sala do Capítulo.

Em Fevereiro, nos dias 10, 11 e 12, realizaram-se um conjunto de serões evocativos do *Centenário de Mestre Maduro-Dias*.

A fruta e a fruticultura nos Açores serão tema de uma exposição a inaugurar em Abril.

Em Maio, as *Térmitas de madeira seca* serão o tema de uma exposição a exibir na Ermidada do Espírito Santo e, no mesmo mês, é inaugurada, no Forte de Santa Catarina, Praia da Vitória, a exposição *O Mundo a brincar*.

Museu de Angra do Heroísmo MAH

A Sala Dacosta mantém a dinâmica, prevendo-se como próximas temáticas a abordar *Figurações da ilha*, em Abril, e *As tentações de Sto. Ant(ónio)*, em Setembro.

Em Junho, no âmbito das Sanjoaninas, o museu organiza, no Palácio dos Capitães Generais, a exposição *Da arte de bem cavalgar toda a sela*.

No final do ano, os *finalistas de Belas Artes* também terão espaço para exposições no Museu de Angra do Heroísmo.

Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Museu de Angra do Heroísmo

A Sala Dacosta no Museu de Angra
Um espaço contemporâneo em Angra

Francisco Lima, Conservador

Natural de Angra do Heroísmo, António Dacosta (1914-1990), foi um dos expoentes do surrealismo português na 1ª metade do Século XX. Depois da Guerra acabou por ir para a Paris, onde embora deixando de pintar foi sempre acompanhando de perto as novas tendências e os inúmeros desafios que a arte contemporânea enfrentou ao longo de todo o século XX.

A colaboração que manteve como crítico de arte para os jornais "Diário Popular" de Lisboa primeiro, e depois para o "Estado de S. Paulo" de S. Paulo até 1978, são a prova de que Dacosta nunca se afastou do mundo da arte contemporânea. De tal forma que na última década da sua vida reaparece a pintar com um vigor e uma jovialidade invejável, que o próprio interpreta da seguinte forma, *" Não se interrompe o que se é, não se deixa de ser quem é, não se recomeça, é-se."*

António Dacosta (1914-1990)

Com a colaboração de Miriam Dacosta, o MAH sempre manifestou o desejo de possuir um espaço dedicado à obra e figura deste *pintor europeu das ilhas,* como lhe chamou Vitorino Nemésio, que embora esteja contemplado na Exposição Permanente deste Museu, a partir de Junho de 2003 passou a ter um espaço próprio – *A Sala Dacosta* – que pretende ser sobretudo, um espaço dinâmico aonde a sua obra e os seus contextos sejam um mote para a reflexão, desconstrução e exposição do contemporâneo.

Duas exposições por ano são realizadas neste espaço, independentemente de outras iniciativas associadas aos temas apresentados.

O primeiro tema - **Dacosta no Museu** - reuniu o conjunto de cerca de duas dezenas de trabalhos de António Dacosta que fazem parte do acervo deste museu e que se pretende aumentar, sempre que seja possível, todos os anos.

Em seguida apresentou-se uma outra faceta de Dacosta – **Dacosta *poeta,*** aonde a sua obra, reunida no livro "A Cal dos Muros" foi apresentada pelo grupo *"O teatrinho",* e analizada por diversos actores: Luiz Fagundes Duarte, Bárbara Séguier, Álamo Oliveira, Mário Cabral e Bernardo Pinto de Almeida, em diferentes palestras que decorreram na própria *Sala Dacosta*. Os trabalhos produzidos aguardam oportunidade para a sua publicação.

Neste momento está a decorrer até a Abril de 2005 a terceira exposição ***Dacosta Intimo,*** onde se pretendeu reunir as obras mais íntimas que o autor oferecia aos seus amigos e familiares expondo-as juntamente com algumas das suas reflexões e aforismos sobre a vida.

No próximo tema - **Figurações da Ilha** - vamos procurar entender a forma como o pintor viu a sua ilha, desde as primeiras paisagens da sua juventude até às suas últimas figurações e memórias da Ilha.

Divulgação

Colecção de pesos, medidas e aparelhos medidores

Balança de latão

No dia 12 de Janeiro do corrente foi entregue no Museu de Angra do Heroísmo, para ser incorporada no seu acervo, uma interessante e valiosa colecção de Pesos, Medidas e Aparelhos Medidores. Esta colecção encontrava-se, há largos anos, à guarda da Direcção de Serviços de Viação e Transportes Terrestres de Angra do Heroísmo e inclui, por exemplo, balanças de latão, uma bomba hidráulica completa, manómetros, metros e pesos padrão, entre outras peças.

Actas do Seminário *Os Museus e o Património Náutico e Subaquático*

Numa edição da Câmara Municipal de Portimão e sob a coordenação de José Gameiro (Museu Municipal de Portimão), foram publicadas as actas do Seminário *Os Museus e o Património Náutico e Subaquático*, noticiado na **iM** n.º 1 de Outubro.
A edição encontra-se disponível na DRaC/ Divisão do Património Móvel para consulta.

Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Núcleos MAH

Convento S. Francisco Angra do Heroísmo

Forte de S. Pedro da Calheta dos Biscoitos

Forte de S. Catarina do Cabo da Praia Praia da Vitória

Ermida do Espírito Santo Angra do Heroísmo

Ermida da Boa Nova Angra do Heroísmo

Império de São Pedro Angra do Heroísmo

Edifício da Canada de Belém A. H.

Divulgação

Notícias Notícias Noticias

Conferência Looking Bacward, Looking Forward

Em Maio de 2005 o MEG – Museum Ethnographers Group UK – vai organizar uma conferência com o tema *História, desenvolvimento e futuro da etnografia nos museus*, olhando o modo como as estruturas institucionais e as atitudes profissionais nos museus etnográficos evoluiram desde 1975 (data de fundação do MEG).
Nesta Conferência vão ser abordadas diferentes formas de mostrar a etnografia bem como o modo como evoluiu ao longo dos tempos.
Exemplo da mudança nas formas de expor a etnografia é o progresso da Antropologia Visual e o seu impacto nos museus.
Paralelamente, serão divulgados os projectos em curso no Reino Unido, relacionados com esta temática, apresentados pelas seguintes instituições: Manchester Museum, National Maritime Museum, Pitt Rivers Museum, National Museum and Gallerias em Merseyside.
A conferência terá lugar no Museu de Manchester, Inglaterra, nos dias 9 e 10 de Maio de 2005.

Temas das secções:
História da museografia etnográfica nos museus a nível mundial
Antropologia Visual – Filme e fotografia
Estudos da Cultura Material na Antropologia e noutras disciplinas
Desenvolvimento da Etnografia nos museus multi-disciplinares – e o futuro?

Informações e contactos:
Lisa Harris
Manchester Museum, University of Manchester
Oxford Road, Mancheste, M13 3PL
E-mail: lisa.harris@manchester.ac.uk

Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Museu de Angra do Heroísmo

Maduro Dias... cem anos depois

Olívio Rocha, Conservador

12 de Março de 1904 – 12 de Março de 2004

Ao longo do ano de 2004 decorreu o centenário do nascimento de Francisco Coelho Maduro Dias. Este evento foi assinalado com a realização de diversas iniciativas, de que destacamos: uma exposição, bio-bibliográfica e iconográfica sobre o Homem e a sua vasta e diversificada obra literária e artística, inaugurada no dia 12 de Março de 2004, por iniciativa da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo e no dia 18, Dia Mundial dos Museus, por iniciativa do Museu de Angra do Heroísmo, uma outra exposição, intitulada **Maduro Dias – um Homem do século XX**.

Esta exposição pretendeu destacar o MADURO DIAS natural e amante da cidade de Angra, o poeta, o escritor, o homem de múltiplas presenças, uma figura central nas manifestações artísticas da sua terra natal, como um amante da beleza e como o interventor, que baseado na experimentação, praticou com enlevo e elevação a Pintura, a Arquitectura, o Teatro, a Cenografia, a Rádio, a Tipografia, o Design, a Cenografia, o Poster, a Decoração.

Tudo o que pudesse evidenciar a terra, o localismo e o regionalismo, sinónimo do ser português e que deu corpo a múltiplas intervenções locais, regionais, nacionais e internacionais, sempre com a sua graça e o seu sentido estético e com uma grande agudeza de observação e aberto a todas as aproximações de correntes e estilos artísticos nacionais e mundiais, mas à sua maneira. Fundador ainda do Instituto Histórico da Ilha Terceira e sócio de múltiplas organizações culturais e sociais da sociedade angrense e terceirense.

A terminar o centenário, propomos a realização de uma reflexão sobre o Homem e a Obra de Maduro Dias.

Nesse sentido e por iniciativa do Museu de Angra do Heroísmo realizar-se-à nos dias 10, 11 e 12 de Fevereiro de 2004 um Seminário, intitulado: SERÕES COM MADURO DIAS ..... **cem anos depois.**

Contamos com a participação de especialistas e contemporâneos de Maduro Dias, como o Prof. Doutor José Guilherme Reis Leite, Dr. Álvaro Monjardino, Álamo Oliveira, Dr. José Nuno da Câmara Pereira, Dr. Eduíno de Jesus, Dr. Urbano Bettencourt, Dra. Helena Ormonde e José Olívio Rocha.

Convidamos toda a comunidade local a participar, no entanto, dirigimos um convite especial a todos os que conheceram Maduro Dias e a todos os animadores socioculturais que estão ou estiveram ligados ao teatro, à cenografia, ao folclore, às belas artes, à rádio à poesia e à literatura, enfim, a todos, jovens ou mais idosos, que têm a arte e o bom gosto como lema principal nas suas vidas de cidadãos activos e empenhados.

Divulgação

Museu de Angra do Heroísmo Nova imagem

Entre Maio e Outubro de 2005, com uma cadência mensal, o MAH vai apresentar ao público uma série de seis cartazes diferentes. O objectivo é o de criar uma imagem de tendência universalizante para o Museu, ligando o local e regional com o mundial.
A edição será feita em quantidade limitada e destina-se a hotéis, centros culturais, serviços ligados ao turismo e à cultura da comunidade. Contudo, haverá uma versão em pdf suceptível de ser descarregada e impressa em A4 por qualquer particular com acesso à internet.

Divulgação

Colóquio APOM 2004

Francisco Lima, Conservador

No passado dia 25 e 26 de Novembro, decorreu no Museu da Farmácia em Lisboa o Colóquio APOM deste ano, cujo tema *Museus hoje em Portugal – Dificuldades e Sucessos*, foi motivo para mais uma reflexão entre os profissionais da museologia. Procurando fazer uma caracterização da actual situação dos Museus em Portugal, a organização convidou vários profissionais dos Museus para apresentarem as suas experiências, partilhando assim as dificuldades e os sucessos dos seus museus.

Depois de ter sido feita uma apresentação do panorama museológico português pelo presidente da actual direcção da APOM, António Nabais, que incluiu a leitura de uma mensagem do actual director do IPM, Manuel Bairrão Oleiro, ausente nesta sessão devido a uma imprevista deslocação ao estrangeiro, procedeu-se à apresentação do primeiro painel de experiências museológicas.

De Santa Maria da Feira, Maria José Ferreira apresentou-nos o Museu do Papel Terras de Santa Maria, instalado numa antiga fábrica de papel, que abriu ao público em 2001 a primeira fase deste projecto com uma exposição permanente dedicada ao processo de fabrico de papel desde a sua fase manufactureira até à industrial. As restantes fases incluem a recuperação de um conjunto de edifícios, exemplos da arquitectura do papel desta região, bem como artefactos e maquinaria específicos e uma significativa colecção de papéis com marcas de água nacionais e estrangeiras do século XVI ao XX. Aos visitantes é permitido a sua participação nos processos de fabrico em actividade.

Também de iniciativa municipal, o Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique de Faro, foi-nos apresentado pela sua responsável, Dália Paulo, que descreveu o historial desta centenária instituição e da sua última fase, iniciada em 1998, de reorganização das colecções e dos espaços do museu instalados no antigo Convento de S. António dos Capuchos em Faro.

Das Regiões Autónomas, o responsável pelos museus sob a tutela da Direcção Regional dos Assuntos Culturais da Madeira, Francisco Clode Sousa, enviou um texto sobre a situação dos Museus naquele arquipélago, uma vez que não foi possível a sua presença neste fórum.

Dos Açores, o signatário apresentou *Museu de Angra do Heroísmo – natureza e projectos,* onde se procurou caracterizar o seu historial, a natureza desta instituição, a filosofia do seu projecto e indicou os diversos projectos que este museu vem desenvolvendo desde então.

Por parte dos museus dependentes do IPM, foi apresentado o novo Museu Grão Vasco em Viseu, recentemente reaberto ao público num projecto do arquitecto Souto Moura. Dalila Rodrigues, ex-directora do Museu Grão Vasco e actualmente directora do Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa, apresentou o projecto de recuperação e adaptação do novo Museu Grão Vasco, onde a arquitectura e a museografia deste museu foi largamente debatida. A questão da arquitectura e da museografia nos espaços museológicos continuou a ser debatida na apresentação do projecto de remodelação do Museu de Lamego, feita pelo seu director Agostinho Ribeiro. Esta questão, da falta de inovação e de muitas vezes a falta de qualidade museográfica, nos projectos arquitectónicos para espaços museológicos foi uma preocupação manifestada por quase todos os participantes deste colóquio.

Finalmente foi apresentado o Museu dos Lanifícios da Universidade da Beira Interior, como um caso de um museu industrial em construção e expansão. Este museu, apresentado pela sua responsável, Elisa Calado Pinheiro, é uma estrutura polinucleada, constituída por vários espaços: núcleo *Real Fábrica de Panos* inaugurado em 1992 e aberto ao público em 1996; o núcleo *Râmolas de Sol* e o *Centro de Documentação/Arquivo Histórico* inaugurados em 1998 e o núcleo *Real Fábrica Veiga,* em fase de musealização e onde se encontram já a direcção, os serviços administrativos e técnicos do museu.

De salientar ainda uma interessante comunicação de Vítor Albuquerque Freire, sobre o *Pavilhão de Segurança, Enfermaria-Museu,* núcleo museológico do Hospital Miguel Bombarda, em que o próprio edifício é um museu. Em termos internacionais é talvez o único edifício conhecido e intacto, circular panóptico com torre de vigilância e pátio a descoberto.

Nas recomendações finais foi referido o seguinte:

- As políticas museológicas dos museus não devem estar sujeitas às suas tutelas, sejam elas autárquicas ou governamentais.

- Num Museu o programa museológico deve sempre preceder o projecto arquitectónico na sua concepção ou remodelação.

- A necessidade de juntar esforços no sentido de constituir uma Ordem dos profissionais dos Museus para melhor salvaguardar os direitos de todos os profissionais dos Museus.

- O próximo Colóquio APOM em 2005 será em Faro e o tema será "Museus e Turismo".

Divulgação

Revista APRENDER AO LONGO DA VIDA

Em Outubro de 2004, a Associação "O Direito de Aprender" editou o segundo número da Revista Trimestral *Aprender ao longo da vida*. O papel dos museus na educação e formação dos adultos é o grande tema deste número que conta com artigos de Hugues de Varine, antigo Director do ICOM (Conselho Internacional dos Museus) que escreve sobre a importância dos Ecomuseus nas comunidades locais; de Clara Camacho, Coordenadora da RPM (Rede Portuguesa de Museus), que escreve sobre o papel concedido à educação nos museus; e um artigo sobre o Museu de Serralves e a forma como o Serviço Educativo procura captar os diferentes públicos, nomeadamente os adultos, para as temáticas da arte.

Contactos para informações complementares:
Site: http:// www.direitodeaprender.com.pt
E-mail: aprender@direitodeaprender.com.pt

Prémios APOM

A Associação Portuguesa de Museologia, com o objectivo de incentivar a imaginação e criatividade, tem instituído prémios que distinguem, anualmente, o melhor museu português, a melhor exposição, o melhor catálogo, o melhor serviço de extensão cultural e, bianualmente, o melhor trabalho sobre museologia e/ou melhor obra museológica.

Informações e contactos:
Associação Portuguesa de Museologia
Praça B à travessa Sargento Abílio, lote 1, lote C1
1500-567 Lisboa
Telefone: 21 7780687 / 919562826
Fax: 217780642
E-mail: apom@oninet.pt
Site: http://apom.paginas.sapo.pt

iMinter Comunicar museus
Março 2005 nº 003

Web Links

http://revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1118

Comentário: Artigo publicado na Revista Museu, edição brasileira, intitulado Conservação Preventiva – algumas bases para a sua generalização nos museus em Portugal – de Nuno Moreira, restaurador do Museu Municipal de Arqueologia, Amadora.

http://www.ipcr.pt

Comentário: O IPCR foi criado em 2000 com o objectivo de assegurar as responsabilidades do Estado português no domínio da conservação e restauro do património cultural móvel. Navegando neste site ficamos a conhecer a história da instituição, a sua estrutura, a sua missão e objectivos, as áreas de intervenção e os seus projectos. Uma das áreas de intervenção do IPCR é a conservação preventiva.

http://www.ipmuseus.pt

Comentário: Este site contém informação detalhada sobre o IPM, as suas iniciativas e projectos, os museus que tutela, a agenda de exposições temporárias. Na loja virtual podem ser adquiridas publicações (catálogos de colecções e exposições, ensaios, estudos e monografias) bem como peças inspiradas ou reproduzidas a partir de obras originais dos museus pertencentes ao IPM. Podemos também aceder ao programa de inventário Matriznet, que permite o acesso, on-line, às colecções museológicas, nos formatos de texto, fotografia, vídeo e som.

Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu Espaço Museu

Museu de Angra do Heroísmo

Galeria STT

Helena Ormonde, Assessora Principal

A abertura da Galeria STT (saberes e técnicas tradicionais), a 12 de Março de 2004, constituiu a concretização de um projecto que teve como primeiro objectivo a organização das colecções etnográficas do MAH, baseada nos conceitos de objecto museológico e de museu entendidos como documento e banco de dados.

Em termos de organização do espaço – o antigo armazém da Fábrica de Tabaco Âncora – pretendeu-se conciliar os objectivos de uma

reserva – a organização de conjuntos de objectos quantitativa e qualitativamente significativos, ligados entre si por afinidades temáticas e relações funcionais – com os objectivos de uma exposição – tornar essas afinidades e relações de mais fácil leitura e compreensão.

Como é sabido, a exposição deste tipo de colecções, enquanto unidades temáticas e funcionais, coloca-nos quase sempre perante o problema da descontextualização, que é causada pelo seu processo de incorporação no museu e que consiste em saber como tratar essas relações que faziam parte dos seus contextos de origem e que, de certa forma, se

perderam. Neste ponto optámos por assumir esse processo de ruptura, usando meios museográficos que distinguem as várias unidades temáticas, nomeadamente através da cor.

Finalmente, o grande objectivo foi e é tratar as colecções como instrumentos capazes de potenciar as mais diversas experiências e vivências, não só pedagógicas e científicas como sociais e recreativas, e de abranger os mais variados públicos.

As primeiras propostas de actividades foram, no entanto, dirigidas para dois tipos de público – o público escolar e o público idoso, que se encontra organizado nos centros de convívio da 3ª idade – com a finalidade de promover ligações entre as colecções, os portadores das memórias que as envolveram e os que começam a descobrir e a aprender os significados das coisas que utilizamos.

É precisamente para o desenvolvimento de competências da aprendizagem que pretendemos contribuir, tendo já disponível para pesquisa neste espaço duas bases de dados – uma de fotografia e outra das colecções e mantendo como objectivo a produção de outros materiais documentais sobre as colecções expostas.